



UNIVERSIDADE DE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM SAÚDE DA FAMÍLIA

KAROLINE MATOS MACIEL

ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR: UM
LEVANTAMENTO DA LITERATURA

REDENÇÃO, 2018

KAROLINE MATOS MACIEL

ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR: UM
LEVANTAMENTO DA LITERATURA

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Saúde da Família da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Saúde da Família.

Orientador: Prof. Dra Flávia Paula Magalhães Monteiro

REDENÇÃO
2018

Maciel, Karoline Matos.

M138a

A abordagem da educação sexual no ambiente escolar: um levantamento da literatura / Karoline Matos Maciel. - Redenção, 2018.
36f: il.

Monografia - Curso de Especialização em Saúde da Família, Instituto De Ciências da Saúde, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

Orientador: Prof. Flavia Paula Magalhães Monteiro.

1. Adolescência. 2. Sexualidade. 3. Saúde sexual. I. Título

CE/UF/BSCL

CDD 305.23

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
KAROLINE MATOS MACIEL

ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR: UM
LEVANTAMENTO DA LITERATURA

Monografia julgada e aprovada para obtenção do título de Especialista em da
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Data: __ / __ / __

Nota: ____

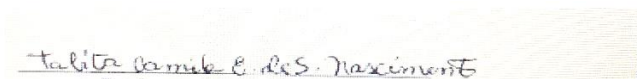
Banca Examinadora:


Professor (a) Orientador (a)

Prof. Dra. Flávia Paula Magalhães Monteiro (Orientadora)



Prof. Dra. Viviane Pinho de Oliveira



Prof. Dra. Talita Camila Evaristo da Silva Nascimento

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, O qual sou devota, por ter me concedido o dom da vida.

Posteriormente aos meus pais, que se dispuseram de tanta dedicação para me educar, me ensinar valores e por me apoiarem me dando força a cada decisão.

Agradeço incessantemente a minha sobrinha Evelyn, a qual tenho como filha, a ela por toda compreensão pela falta de tempo para lhe dedicar, a esta criança meiga que na sua mais pura inocência, me dá ânimo para seguir a difícil caminhada que é a vida.

A toda minha família e amigos pelo apoio diário 5

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Descritores e definições.	20
Quadro 2: Cruzamentos e os quantitativos por base de dados.....	21
Quadro 3: Apresentação das características metodológicas dos artigos selecionados.....	24
Quadro 4: Síntese dos achados sobre a abordagem utilizada, temas e profissionais envolvidos com as ações de educação sexual desenvolvidas nas escolas.....	29

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

1. DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis)
2. ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis)
3. ES (Educação Sexual)
4. PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais)

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1. Conceitos e percepções sobre Educação Sexual.....	10
2.2. Implantação da Educação Sexual nas escolas de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)	12
2.3. Interação família-escola na Educação Sexual	14
2.4. Ações para promoção da saúde sexual para adolescentes.....	17
4. MÉTODO.....	20
4.1 Tipo de Estudo	20
4.2 Local do Estudo	20
4.3 Período e operacionalização da coleta de dados.....	20
4.4 Critérios de Inclusão e Exclusão	21
4.5 Instrumento	22
4.6 Organização e análise dos dados.....	22
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE ESCOLAR: UM LEVANTAMENTO DA LITERATURA

Karoline Matos Maciel¹

Flávia Paula Magalhães Monteiro ²

Resumo

A Educação Sexual é tema de abordagem importante para adolescentes. Ao longo do tempo, tem-se encontrado dificuldades em abordar o tema nas escolas, mas atualmente há programas para execução de ações nesse campo, tendo a interação entre saúde e educação. Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de levantar os principais temas e abordagens relacionados à Educação Sexual na escola. Estudo do tipo revisão integrativa, realizado no período de fevereiro a abril de 2018, com base em 10 artigos selecionados. O tipo de abordagem mais utilizada foi palestras ministradas por enfermeiros com a principal função de informar e orientar, objetivando evitar a contaminação por ISTs e gravidez precoce, fatores estes que levam a evasão escolar. Conclui-se que a abordagem ainda ocorre de forma superficial e é principalmente realizada por professores, psicólogos e enfermeiros. Os adolescentes ainda têm muitas dúvidas relacionadas ao assunto, uma vez que a família não dialoga de maneira clara. Percebe-se que as publicações são um tanto limitadas, não apresentando ações muito diferenciadas, pois as abordagens ainda não acontecem como se propõe no PCN's, de forma transversal e contextualizada, perpassando por todas as disciplinas.

Palavras-chave: Adolescência, saúde sexual,, escola. sexualidade, família.

Abstract

Sexual Education is an important topic for adolescents. Over time, difficulties have been encountered in addressing the issue in schools, but there are currently programs to implement actions in this field, with the interaction between health and education. This research was carried out with the objective of raising the main themes and approaches related to Sexual Education in the school. Integrative review study, carried out from February to April 2018, based on 10 articles selected. The most used type of approach was lectures given by nurses with the main function of informing and orienting, aiming to avoid the contamination by STIs and early pregnancy, factors that lead to school dropout. We conclude that the approach still occurs superficially and is mainly performed by teachers, psychologists and nurses. The adolescents still have many doubts related to the subject, since the family does not dialogue in a clear way. It is noticed that the publications are somewhat limited, not presenting very differentiated actions, since the approaches still do not happen as proposed in the PCN's, in a transversal and contextualized way, passing through all the disciplines.

Keywords: Adolescence, sexual health, school, sexuality, family.

1 Estudante do Curso de Especialização em Saúde da Família pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e Universidade Aberta do Brasil, polo Redenção

2 Enfermeira, mestre e doutora em Enfermagem.

1. INTRODUÇÃO

A abordagem da Educação Sexual no Brasil surgiu por volta dos anos 20 e 30, inicialmente com o objetivo repressor, e não educativo de combater a masturbação e doenças sexualmente transmissíveis. Ao longo dos anos, algumas capitais isoladas tentaram trabalhar o tema em escolas, mas sofreram interferência da igreja e autoridades, e tiveram dificuldades na aplicação de seus projetos. No entanto, em função da necessidade percebida, foi implantada a Orientação Sexual como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a ser trabalho nas escolas, porém a abordagem do tema vem enfrentando alguns desafios (BOMFIM, 2009).

Ao ministrar aulas na Escola Deputado Ubiratan Diniz Aguiar, localizada na cidade de Capistrano-CE, foram observadas demandas por partes dos estudantes relacionadas à sexualidade, ISTs, métodos contraceptivos e preventivos o que motivou a realização deste estudo. Partindo desse pressuposto surgiu o interesse de trabalhar o tema.

Os adolescentes indagam constantemente a respeito dos métodos contraceptivos e preventivos, sobre DSTs e ainda sobre aborto, orientação sexual, início da vida sexual, dentre outras temáticas. Diariamente, eles compartilham experiências que relatam o início da sua vida sexual, sem devida orientação, principalmente pelo desconhecimento, agindo muitas vezes até sem prevenção. Esses jovens não procuram com frequência as Unidades de Saúde para buscar elucidar suas dúvidas, muitos nem sabem que podem receber tal atendimento e tentam solucionar suas dúvidas com os amigos, os quais muitas vezes não têm conhecimento e nem experiências qualificadas sobre o ato sexual, DSTs e métodos preventivos e contraceptivos, passando assim informações equivocadas. Muitas vezes esse fato ocorre devido à falta de comunicação entre pais e filhos a respeito da sexualidade. Fica, portanto a cargo da escola assumir o papel de informar, orientar e educar para as diversas ocasiões que a vida pode oferecer (BONFIM, 2009).

Além disso, destaca-se que a adolescência é um período da vida marcado pelas transformações, mudanças do corpo e novas descobertas. É uma fase de transição da infância para a vida adulta, que se têm muitas dúvidas com relação ao corpo, e o uso deste com relação à sexualidade (GURGEL et al., 2008). Em meio a esse universo de descobertas o adolescente leva para a escola suas aflições, compartilhando-as com os colegas e professores. O espaço escolar muitas vezes é apontado como aquele que tem a obrigação de falar sobre educação sexual, sendo

que este papel também cabe à família que é a primeira que pode mostrar às crianças ou adolescente o conhecimento em geral, incluindo a sexualidade (BOMFIM, 2009).

Nesse sentido, percebe-se que há registros de adolescentes grávidas, na escola supramencionada sendo considerado e apontado pelos professores da instituição como um dos fatores que causam a evasão escolar, as mesmas começam a faltar muito às aulas, por não se sentirem bem, e alegam que vão para o hospital, posteriormente passam a faltar por terem que fazer pré-natal, depois se acomodam e perdem o estímulo, abandonando a escola. Os professores quanto educadores, conversam com as alunas, tentando estimulá-las a continuarem estudando, tentam orientar de alguma forma, embora muitas vezes seja em vão.

Diante do exposto, tem-se o questionamento: quais os principais temas e abordagens relacionados à Educação Sexual na escola pelos profissionais? Quais as dificuldades apontadas na literatura sobre esse tema na escola? Quais os profissionais que lideram tais abordagens? Os adolescentes têm conhecimentos sobre as formas de prevenção, DSTs, métodos contraceptivos e etc.?

Nesse sentido, o objetivo deste estudo é levantar na literatura os principais temas e abordagens relacionadas à sexualidade na escola, contribuindo para iniciativas de educadores e profissionais da saúde nas ações que podem ser realizadas nas escolas, e evidencia a importância da abordagem dos temas relacionados à Educação Sexual, como uma forma de promover a saúde do adolescente.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Conceitos e percepções sobre Educação Sexual

A educação sexual muitas vezes é confundida com orientação sexual, informação sexual e instrução sexual. Ocorreram muitas distorções de diversos autores em relação à conceituação da Educação Sexual e Orientação Sexual

(FIGUEIRÓ,1996). Atualmente, o termo mais usado é orientação sexual, quando se quer referir a educação sexual, e segundo Santana (2006):

"diz respeito ao conjunto de valores transmitidos pela família e ambiente social, percorrendo toda a vida, com influências da cultura, da mídia (rádio, TV, revistas...), dos amigos (as), da escola, e nos permite incorporar valores, preconceitos e ideologias."

Enquanto a Orientação Sexual (SANTANA, 2006) é:

"Um processo de intervenção sistematizado, planejado e intencional, gerando um espaço de acolhimento e reflexão das dúvidas, valores, atitudes, informações, posturas, colaborando para a vivência da sexualidade de forma responsável e prazerosa".

No contexto mundial pouco se sabe a respeito de quando começaram a tratar de educação sexual na escola, mas há registros de que esta possa ter começado na França, ou até mesmo com os trabalhos de Freud (SANTANA, 2006). O referido autor retrata ainda que no Brasil por volta das décadas de 20 ou 30, já se falava da importância da temática, e ao longo dos anos, mesmo com a repressão que havia na época, algumas pessoas tentaram trabalhar com as questões de sexualidade (SANTANA, 2006). Mas de acordo com Brasil (1997), somente nos anos 80 essa demanda por trabalhos sobre sexualidade aumentou, devido o alto índice de gravidez precoce e a exposição ao vírus da AIDS (BRASIL,1997).

As tentativas de incluir a Educação Sexual na escola, começaram em 1930, com o professor Stawiarski, no Colégio Batista. No ano de 1963 uma escola mineira começou a trabalhar o tema, porém os pais dos alunos contestaram a iniciativa da escola, que foi cessada em 1966. Outra tentativa interrompida de implantação do tema ocorreu em 1968, no Colégio André Maurois, no Rio de Janeiro. Em 1972, uma professora foi acusada por pais e demitida por trabalhar utilizando livros para tratar das temáticas da educação sexual.

Em 1968 Júlia Steimbruck, elaborou a proposta de que seria obrigatória a inclusão da disciplina de Educação Sexual no 1º e 2º grau do Ensino Médio, obteve apoio de alguns, mas foi alvo de muitas críticas, não obtendo sucesso em seu projeto. O tema continuou a ser reprimido, e já em 1992, um professor ao trabalhar com

Educação Sexual com alunos de 5º à 8º série foi repreendido sofrendo até ameaça de morte pelos pais (ANAMI; FIGUEIRÓ, 2009).

Ainda se encontram dificuldades, pois por exemplo em 2014 foi aceito a retirada da diretriz da educação que propõe a superação das desigualdades educacionais, sendo aprovada pela comissão que analisa o Plano Nacional de Educação, o qual traça metas para serem aplicadas em 10 anos a fim de melhorar a educação brasileira, e é elaborado pela Conferência Nacional de Educação, as discussões ocorreram na Câmara, nesta a maioria dos parlamentares presentes concordou com a ação, pois alguns julgavam que a ênfase dada a igualdade de gênero e orientação sexual, estimulava a utilização de materiais didáticos incentivadores à homossexualidade, outros discordaram afirmando que a diretriz poderia combater a homofobia e preconceito contra as mulheres (FERNANDES, 2014).

A cultura influencia na Educação Sexual que os indivíduos recebem desde o dia que nascem (BEDIN, 2010). Sendo a sexualidade vista por muitos anos como algo, sujo, errado e obscuro, consequentemente a Educação Sexual foi privada aos jovens, o que fez com que as pessoas criassem conceitos errados sobre a mesma (MOIZÉS; BUENO, 2010). Porém a ES que deve ser passada aos jovens não pode estar se referindo a sexualidade como algo errado ou impuro, nem mesmo estar baseada somente em conceitos biológicos (GONÇALVES, FALEIRO; MALAFAIA, 2013). Não está voltada apenas para o ato sexual, mas também para a transmissão de valores, comportamento e ações.

Assim, é de fundamental importância que os professores estejam preparados para a transmissão e troca desse conhecimento (BOMFIM, 2009). Enfatizando que a Educação Sexual tem um ponto fundamental como cita França (2008) que é "o fornecimento, para a clientela, de informações relacionadas à biologia do sexo e ao uso adequado da sexualidade, com o fim maior de assegurar a saúde sexual do indivíduo e da coletividade."

2.2. Implantação da Educação Sexual nas escolas de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

A sexualidade se tornou um tema de interesse público, pois envolve saúde pública, taxa de natalidade, de escolaridade, o que enfatiza a importância de sua abordagem nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). O tema passou a ser

assunto constante na sociedade uma vez que o fato dos adolescentes que engravidam precocemente, pode estar relacionado à falta de informação. O índice de fecundidade é alto, e de jovens que nunca foram a escola é maior ainda, como mostra o censo demográfico de 2010, de 8.440.040 mulheres com faixa etária entre 10 a 14 anos, 37.180 tiveram filhos, e 61.935 nunca frequentaram a escola (IBGE, 2010).

A escola tem grande importância na formação de um cidadão, pois influencia de várias formas na vida dos adolescentes, direta ou indiretamente. Conclui-se que aqueles que não têm acesso a informações, que não têm um bom grau de escolaridade, conseqüentemente acabam por terem filhos mais cedo. Se esses jovens não frequentam a escola que é o principal meio de informações, será mais complicado adquirirem esse conhecimento através dos meios de comunicação ou com os próprios familiares. Não que essa informação só seja compartilhada no ambiente escolar, e muito menos que somente a escola tenha essa obrigação de orientar, mas esta é o espaço que talvez esses jovens se sintam melhor em solucionar suas dúvidas (BRASIL, 1997).

No Brasil as primeiras publicações sobre educação sexual na escola foram escritas pelo médico José de Albuquerque, o qual escreveu vários livros, ministrou palestras e organizou eventos científicos para tratar de sexualidade e mesmo sem usar a linguagem moderna, suas ideias se aproximaram do descrito hoje nos Parâmetros Curriculares Nacionais. O médico escreveu antes mesmo da elaboração da Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, a qual foi muito importante para educação brasileira, entretanto, ainda é preciso fazer mais para a formação de professores capacitados para trabalhar o tema de Educação Sexual. Mas foi apenas em 1982, que oficialmente a secretaria de Educação de São Paulo deu início as trabalhos sobre ES, e incentivou as escolas a abordarem os temas de sexualidade (RIBEIRO, 2009).

Em 1995 o Ministério da Educação e Cultura (MEC) faz a elaboração dos PCNs, contemplados pelo Conselho Nacional de Educação, incluindo em 1997 como tema transversal a orientação sexual, alternando em diversas disciplinas (SANTANA, 2006). Os PCNs dão a escola autonomia para decidirem como tratar da temática. Além de abordar também temas como ética, pluralidade cultural, meio ambiente e saúde. A orientação sexual foi implantada pelo aumento do número de gravidez precoce indesejada e contaminação do vírus HIV(JARDIM; BRÊTAS, 2006).

Os PCNs trazem a Orientação Sexual como tema transversal, afirmando que este é contribuinte para o conhecimento dos valores sexuais e reprodutivos, além de tratar de assuntos como gravidez precoce, abuso sexual, iniciação sexual, polêmicas relacionadas ao tema, masturbação, aborto, homossexualidade, namoro, pornografia, etc. Essa diversidade de temas mostra uma transversalidade devido esses temas passarem por todas as disciplinas, não podendo ser tratados como uma única disciplina. Contribuindo assim para o bem-estar dos jovens e trazendo debates para o dia a dia (BRASIL, 1997).

Porém, esse trabalho exercido na escola não substitui o papel familiar, não podendo esta exercer esse trabalho sozinha, sem o apoio dos pais, pois a responsabilidade de informar sobre sexualidade deve-se inicialmente a família, podendo caminhar junto da escola (BRASIL, 1997). Já que ambas são responsáveis para a formação do indivíduo (GONÇALVES, FALEIRO; MALAFAIA, 2013).

Com relação à abordagem desse tema transversal, nos PCNs foram norteados três pontos básicos que são 1) corpo: matriz da sexualidade. 2) relações de gênero e 3) prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. Não se tratando somente da orientação sexual em si, mas de um conjunto de temas que se envolvem, estando embasados um no outro, sendo abordado de forma ampla, e a ideia é que se trabalhe tudo isso na escola, entre as disciplinas, quando no período de aula surgem questões relacionadas ou no programa de conteúdos curriculares (SANTANA, 2006).

Mesmo com a implantação do tema transversal Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais, ainda se encontra dificuldade de se trabalhar ES, pois já no ano de 2004, em Londrina, uma professora ao trabalhar com alunos de 4º série os temas de Educação Sexual, foi acusada por dois radialistas da cidade que difamaram sua imagem e da escola (ANAMI; FIGUEIRÓ, 2009).

2.3. Interação família-escola na Educação Sexual

A família é fator crucial para a formação da identificação do gênero e atuação do papel sexual dos jovens, sendo que é competência primordial desta educá-los sexualmente. Mesmo que os pais não tenham diálogo aberto com seus filhos, é através deles que recebem as primeiras noções do que é correto, veem os gestos, recomendações e proibições (JARDIM; BRÊTAS, 2006).

Quando se trata de DSTs e gravidez precoce, a educação dos jovens através dos seus pais a informação se torna meio comprometida, pois estes não têm diálogo aberto. Embora muitas realidades familiares estejam mudando, ainda se precisa quebrar muitas crenças, tabus e mitos. A sexualidade deve ser discutida entre educadores, pais e profissionais da saúde (AMORIM, et al., 2006).

Alguns jovens até têm diálogo com os pais sobre relação sexual, mas não se sabe como são essas conversas e o que realmente é conversado. Esta autora diz que em sua pesquisa os adolescentes afirmaram que as mães só falam frases no sentido “cuidado com a barriga”, não tendo realmente uma conversa de como prevenir essa gravidez e nem quais os melhores e mais eficazes métodos de prevenção, sendo portanto uma conversa repressora, até mesmo porque os pais acreditam que o diálogo possa induzir o início da vida sexual (ALTMANN, 2010).

De acordo com os professores entrevistados na pesquisa de Altmann, 2010, reprimir não é a melhor maneira de orientar os adolescentes. Assim as emoções, anseios e curiosidades não serão diminuídos, muito menos as dúvidas que os adolescentes têm serão solucionadas, o que pode gerar consequências, como gravidez indesejada ou doenças sexualmente transmissíveis.

Com a finalidade de melhorar a saúde, inicialmente das mulheres, anos seguintes a dos homens, nas décadas de 20 e 30, tentou-se implantar a Educação Sexual nas escolas. Porém, a igreja católica foi contra a iniciativa, os pais dos alunos não concordavam e posteriormente algumas decisões políticas também contribuíram para a não implantação desta temática na escola, o que mostra a influência da religião e da política na sociedade (ANAMI; FIGUEIRÓ, 2009).

Há algumas décadas professores que ao menos tentassem trabalhar com Educação Sexual eram mal vistos, julgados pela sociedade e até perdiam seus cargos (ANAMMI; FIGUEIRÓ, 2009). Anos se passaram, a repressão foi diminuindo, mas ainda não é tão fácil abordar o tema e ter apoio da família, logo que muitos pais ainda não conversam com seus filhos sobre o assunto, e nem gostam que eles estudem sobre o mesmo, fato que dificulta o trabalho da escola.

Atualmente são encontrados vários recursos tecnológicos, o conhecimento é cada vez mais acessível e com esses avanços foi possível observar as mudanças na sociedade de diferentes gerações, todavia, algumas crenças continuaram presentes e os educadores ainda encontram dificuldades a tratar do assunto, como cita Oliveira et al. (2009):

"A educação de hoje certamente não é a mesma dos séculos anteriores, mas encontra-se envolvida em rupturas e mudanças, como também na realocação de problemas. Assim, a inserção do tema Orientação Sexual na escola, na transversalidade, perpassa hoje como um campo problemático, uma vez que há a necessidade de transpor fronteiras do saber e disciplinas científicas, assim como há o desafio de ultrapassar barreiras envoltas a em mitos, crenças, informações da mídia, valores familiares, discursos e procedimentos pedagógicos, entre outros."

Segundo os PCNs o trabalho da escola é complementar o familiar, e os dois juntos contribuem para o bom funcionamento desta tarefa, a família deve ser aliada da escola, quebrando o tabu da sexualidade, já que esta temática é toda baseada em crenças, valores, preconceitos e conceitos religiosos, dificultando assim o papel do professor (BRASIL, 1997). O que ocorre é que a família muitas vezes joga uma responsabilidade que é sua para a escola, que por sua vez acaba jogando de volta para a família, sendo ambas despreparadas para assumir o papel de conversar e informar os adolescentes (BESERRA et al., 2008).

2.4. Ações para promoção da saúde sexual para adolescentes

É interessante a execução de ações que visem a saúde sexual dos adolescentes, uma vez que estes chegam a essa fase da vida com muitas dúvidas, visto que é uma fase de inúmeras descobertas. Devido a essa falta de informação, muitos adolescentes iniciam a vida sexual precoce e nem utilizam preservativo, podendo levar a contaminação de IST e gravidez precoce. Ainda é difícil elaborar e implementar programas que visem a promoção da saúde sexual para adolescentes, tendo em vista que há muitas barreiras sociais em relação ao tema (MOREIRA et al., 2015, p.213-220 apud Dantas, 2010),

Em meio as dificuldades de cuidado com a saúde sexual de adolescentes, foi criado em 2003 por meio da Coordenação Nacional de IST/AIDS e o Ministério da Educação com apoio da UNESCO, UNICEF e UNFPA, o Projeto Saúde e Prevenção nas escolas, uma das ações do Programa Saúde na Escola, que visa contribuir para a formação de adolescentes da rede pública, por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde. Realizando ações de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens, articulando entre saúde e educação. Com isso espera-se diminuir as infecções de HIV e outras ISTs, além de reduzir a evasão escolar devido a gravidez precoce. (BRASIL, 2006):

“O SPE leva em consideração a importância das ações em saúde sexual e saúde reprodutiva realizadas nas diferentes regiões do País, assumindo que essa riqueza de experiências deve ser valorizada e potencializada quando da implementação do projeto. Sendo assim, parte-se do pressuposto que essa iniciativa poderá cumprir diferentes funções, dependendo das realidades estaduais e municipais” (BRASIL, 2006).

O Ministério da Saúde tem tentado estabelecer ações, programas, projetos e políticas específicas para os cuidados da saúde de adolescentes e jovens, como cita Brasil, 2013:

“Em 2005, o MS lançou o Marco legal: saúde, um direito de adolescentes, tendo como primeiro instrumento legal de referência o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069/1990), que reconhecia os adolescentes como sujeitos de direito e não mais como objeto de intervenção do Estado, da família ou da sociedade; ou seja, em fina sintonia com os princípios definidos

em 1989 pela Convenção sobre os Direitos da Criança, da Organização das Nações Unidas.” (BRASIL, 2013)

É de extrema importância que as ações em saúde ultrapassem os muros dos hospitais ou PSFs, e a escola é um meio em que se pode fortalecer a atenção primária à saúde, pois é um meio em que se encontra crianças, adolescentes e família trocando experiências constantemente, sendo assim uma ferramenta para educação em saúde. A escola então já poderá incluir no seu Projeto Político Pedagógico (PPP) ações para a orientação sexual, contribuindo para que crianças e adolescentes construam suas relações interpessoais, pautadas no senso crítico (MOREIRA, et al., 2015).

A principal ação desenvolvida por enfermeiros nas escolas são as palestras sobre educação sexual, que pode ser realizada também com as famílias dos adolescentes com o objetivo de orientar, informar e conscientizar para uma relação sexual segura, com a utilização de métodos contraceptivos e preventivos. Em estudo realizado por um grupo de enfermeiros, verificou-se que os jovens apresentam as principais dúvidas sobre os métodos preventivos, contraceptivos, gravidez e desenvolvimento do corpo. Também se constata que há falta de diálogo com a família, visto que acerca do tema ainda se encontram tabus e preconceitos. (MOREIRA, et al., 2015)

A educação em saúde torna-se uma prática intersetorial na comunidade, que cria e mantém o diálogo entre os envolvidos no processo saúde-doença. Entre as práticas de educação em saúde, atualmente se tem a Educação entre/de Pares (EP) que consiste na troca de conhecimento entre as pessoas que têm o mesmo perfil, tendo os facilitadores e mediadores, os quais facilitam a construção de novos conhecimentos através da reflexão sobre determinado assunto. A ação tem resultados positivos pois os próprios adolescentes constroem seus conhecimentos sobre educação sexual, e eles mesmos divulgam as informações entre família, comunidade e igreja, embora ainda tenham dificuldade em falar sobre o assunto (SANTOS et al., 2017).

3. OBJETIVOS

3.1 Geral

- Levantar na literatura os principais temas e abordagens relacionados à Educação Sexual nas escolas.

3.2 . Específicos

- Descrever a caracterização metodológica dos estudos levantados;
- Identificar as dificuldades apontadas na literatura sobre esse tema na escola;
- Verificar a predominância de profissionais que lideram tais abordagens nas escolas.

4. MÉTODO

4.1 Tipo de Estudo

Trata-se de um estudo de revisão integrativa, o qual surge como uma forma de síntese de conhecimento e incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não experimentais, combina também dados de literatura teórica, revisão de teorias e análises de problemas, enraizada na Prática Baseada em Evidências. Sendo uma forma de produção de conhecimentos científicos (SOUZA, et al., 2010).

4.2 Local do Estudo

A base de dados utilizada foi Scielo e Google Acadêmico. A Scientific Electronic Library Online - SciELO é um banco de dados bibliográfico, biblioteca digital e modelo cooperativo de publicação digital de periódicos científicos brasileiros de acesso aberto. Enquanto o Google Acadêmico é considerado uma ferramenta de pesquisa do Google que permite pesquisar em trabalhos acadêmicos, literatura escolar, jornais de universidades e artigos variados.

4.3 Período e operacionalização da coleta de dados

A pesquisa foi realizada entre fevereiro e abril de 2018, com a coleta de dados a partir de fontes secundárias, através da leitura de artigos sobre o assunto abordado, reunindo conhecimentos, constituindo assim o método do artigo como pesquisa bibliográfica, na forma de revisão integrativa.

Os artigos foram extraídos nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico, com os descritores e cruzamentos, conforme o quadro a seguir :

Quadro 1: Descritores e definições

Descritor	Definição
Promoção da Saúde na Escola	Serviços preventivos de saúde prestados a escolares exclui estudantes universitários de escolas superiores. 2) School Health: Ações voltadas para a comunidade escolar para concretização das propostas de promoção da saúde. O período escolar é fundamental para se trabalhar saúde na perspectiva de sua promoção, desenvolvendo ações para a prevenção de doenças e para o fortalecimento dos fatores de proteção. (Ministério da Saúde do Brasil. Secretaria de Políticas de Saúde. 2002).
Saúde na Escola	
Programa Saúde na Escola (PSE)	

Educação sexual	Educação que aumenta o conhecimento dos aspectos funcionais, estruturais e comportamentais da reprodução humana. Relacionado ao português: saúde sexual
Saúde do Adolescente	1) Conceito que abrange as condições físicas e mentais de ADOLESCENTES. 2) Enfoca o <u>crescimento e desenvolvimento</u> , doenças dermatológicas e emocionais, enfermidades do aparelho circulatório, moléstias infecciosas e parasitárias e até a <u>violência</u> entre adolescentes. Com ênfase na <u>sexualidade</u> , aborda três perspectivas: amadurecimento biológico para <u>reprodução</u> , aspectos psicoemocionais envolvidos com o <u>exercício</u> da <u>sexualidade</u> e os 'riscos' oriundos da prática sexual. Tem como apoio a ação de equipe multidisciplinar (<u>médico</u> , enfermeiro, <u>assistente social</u> , nutricionista).

Quadro 2: Cruzamentos e os quantitativos por base de dados.

Cruzamento	Base de dados	Total	1ª análise	2ª análise	Total
Educação sexual AND escola AND adolescentes	Scielo	14	1	1	2
Adolescente AND promoção a saúde	Scielo	20	1	1	2
Educação sexual na escola and saúde sexual educação sexual na escola and saúde sexual	Google Acadêmico	120	1	1	2
Saúde and adolescente and sexualidade	Scielo	15	2	2	4
Total					10

4.4 Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram incluídos artigos disponíveis eletronicamente na língua portuguesa, inglesa e espanhola, publicados nos últimos dez anos. Foram excluídos artigos

repetidos, aqueles que artigos que não respondem a pergunta norteadora e com o ano de publicação não corresponde.

4.5 Instrumento

Para nortear o levantamento dos dados, foi elaborado critérios para a seleção dos artigos como, tipo de estudo, objetivo e objeto de estudo, além do tipo de escola em que a abordagem sobre Educação Sexual era feita.

4.6 Organização e análise dos dados

Os dados extraídos foram realizados de forma descritiva, realizando a descrição dos dados e sua apresentação na forma de quadros.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram analisados 10 artigos publicados entre os anos de 2009 e 2018, predominando a pesquisa descritiva, qualitativa e quantitativa, que tinham como público alvo adolescentes com idades entre 13 e 18 anos. No geral, as publicações foram excluídas devido ao ano de publicação, pois só foram considerados artigos entre os últimos 10 anos, também foram excluídos trabalhos que tinham um público alvo diferente ou que os objetivos não condiziam com o interesse.

Os artigos analisados têm como principais objetivos descrever e analisar o conhecimento dos adolescentes sobre educação sexual, descrever a influência da família na vivência da sexualidade e caracterizar ações que ocorrem no ambiente escolar voltadas para o tema. Os resultados obtidos nos artigos mostram que na família não ocorre diálogo aberto sobre o tema, e os adolescentes levam as dúvidas para a escola, solucionando-as com os próprios amigos e professores, pode-se observar também que os adolescentes têm certo conhecimento sobre o assunto, mas ainda muito superficial, o que mostra a necessidade de abordagem na escola.

O principal método de estudo são as entrevistas e questionários de caráter qualitativo e quantitativo e têm por objetivo verificar o conhecimento dos adolescentes, descrever as percepções dos adolescentes sobre as abordagens, relatar vivências, identificar a influência da família, caracterizar a abordagem dos temas na escola e analisar as práticas dos enfermeiros.

No quadro 3, são apresentadas as características metodológicas dos artigos selecionados, método de estudos e seus principais resultados.

Quadro 3 Apresentação das características metodológicas dos artigos selecionados.

Base de dados	Referência do artigo	Objetivos do estudo	Método do estudo	Principais resultados
Google Acadêmico	1. Tavares L., Cícero, P. V., Roberta, A. M., Caroline, da S. Q., Glauberto, A. S. M., Maria F., Prática de educação em saúde percebida por escolares. Cogitare Enferm. 2014 Jan/Mar; 19(1):13-19	Descrever percepções de escolares sobre a prática de educação em saúde na escola.	Pesquisa de campo de caráter qualitativo.	Amostra com 571 alunos. Dos quais 59% afirmaram ter momentos para as temáticas educativas em saúde, sendo que dessas temáticas a maior abordagem é sobre sexualidade. A maior parte dos adolescentes, (66,8%), afirmou que os profissionais da ESF, nunca visitaram a escola.
Google acadêmico	2. Albert G. F., et al. Educação popular trabalhada em oficinas de saúde: a sexualidade durante o adolescer. Rev. ed. popular, Uberlândia, v. 13, n. 1, p. 75-81, jan./jun. 2014	Relatar vivências acadêmicas que permearam as práticas de educação popular em saúde, desenvolvidas por meio de oficinas direcionadas a adolescentes, sobre a temática sexualidade.	Relato de experiência. Dimensão participativa e dialógica, embasada nos referenciais teóricos de Paulo Freire.	Os adolescentes ao longo do diálogo afirmaram ter constrangimento de conversar com os pais a respeito do assunto. Então eles utilizam das tecnologias de informação para adquirir conhecimento e solucionar suas dúvidas, sendo que muitas vezes podem obter informações errôneas, daí a importância dos profissionais da educação e da saúde abordarem o tema com os adolescentes.
Scielo	3. Camargo E. A.I., Ferrari R. A.P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. Ciência & Saúde coletiva, 14(3) 937- 946. 2009	Analisar o conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade, métodos contraceptivos, gravidez e doenças sexualmente transmissíveis e gênero, antes e após a participação nas oficinas de prevenção.	Pesquisa de campo de caráter quantitativo.	Os meninos iniciaram mais cedo suas atividades sexuais. Apenas 28,2% dos adolescentes no pré-teste sabiam do período fértil da menina; após as oficinas de prevenção, o conhecimento superou 55,8%. A aids foi a DST mais citada no pré-teste; no pós-teste, houve referência a outras doenças (41,1%). Os

				métodos contraceptivos mais conhecidos são o preservativo e a pílula. Não houve relevância estatística entre as respostas sobre atitudes de risco para transmissão de DST/aids.
Scielo	4. Brêtas, J. R. S., et al. Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. Acta Paul Enferm 2009;22(6):786-92.	Identificar o conhecimento de adolescentes sobre as formas de transmissão e prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis.	Estudo descritivo.	Os resultados demonstraram que a principal fonte para obtenção de informações sobre o assunto foi o professor; as Doenças Sexualmente Transmissíveis não são totalmente desconhecidas para os adolescentes do estudo, sendo a AIDS a mais conhecida, enquanto o condiloma acuminado/HPV, é o menos conhecido. Quanto à forma de prevenção os adolescentes citaram a camisinha.
Scielo	5. Ressel, L.B. et al., A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. Esc Anna Nery (impr.)2011 abr-jun; 15 (2):245-250	Identificar a influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes	Pesquisa de campo, descritiva, com abordagem qualitativa.	Os pais têm dificuldade em conversar com as filhas sobre sexualidade, revelando suas marcas de uma sexualidade velada e cheia de tabus. As mães já falam mais um pouco, mas ainda no sentido de prevenção, não sendo um diálogo totalmente aberto.
Scielo	6.Luna I. T., et al. Ações educativas desenvolvidas por enfermeiro. Ciencia y Enfermeria, 18(1), 2012.	Caracterizar os trabalhos produzidos e sintetizar a contribuição destes para o enfoque das ações educativas desenvolvidas por enfermeiros brasileiros com adolescentes em situação de vulnerabilidade às DST/Aids por meio da revisão integrativa de literatura	Revisão integrativa de literatura sobre as ações educativas desenvolvidas por enfermeiros brasileiros com adolescentes em situação de vulnerabilidade às DST/AIDS.	Os adolescentes ainda apresentam muitas dúvidas sobre formas de prevenção de DSTs, métodos contraceptivos e sexualidade, demonstram constrangimento ao falar sobre o assunto. As recomendações sobre as ações educativas desenvolvidas por enfermeiros com adolescentes com vistas a prevenção de DSTs/aids, foram, ações baseadas no diálogo aberto e reflexivo de acordo com a realidade dos envolvidos.

Scielo	7. Gurgel MGI, Alves MDS, Moura ERF, Pinheiro PNC, Rego RMV. Desenvolvimento de habilidades: estratégia de promoção da saúde e prevenção da gravidez na adolescência. Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS) v. 31, n.4. p.640-6.2010	Analisar as práticas do enfermeiro na Prevenção da gravidez precoce na perspectiva do desenvolvimento de habilidades	Pesquisa descritiva-exploratória, com abordagem qualitativa, envolvendo enfermeiras de oito Centros de Saúde da Família (CSF). Na análise dos dados, foram utilizadas as práticas discursivas a produção de sentido no cotidiano, tendo como recurso os mapas de associação de ideias de Fortaleza, Ceará	Os enfermeiros trabalham com grupos de adolescentes, alguns encontram dificuldades como a equipe incompleta, mas de modo geral ocorre uma boa abordagem sobre ISTs/Aids e formas de prevenção, nos centros de Saúde da Família. Em alguns casos, os próprios adolescentes que citam os temas de interesse.
Scielo	8. Fonseca AD, Gomes VLO, Teixeira KC. Percepção de adolescente sobre orientação sexual. Esc Anna Nery Rev Enferm. V.14, n. 2, p. 330-337. 2010	Conhecer a percepção de adolescentes acerca das ações de orientação sexual realizadas em uma escola pública do interior do Rio Grande do Sul e identificar fragilidades e potencialidades das ações	Estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa	A maioria dos adolescentes não têm diálogo aberto com pais sobre sexualidade. Todos os adolescentes aprovam o trabalho de orientação sexual na escola. O grupo social no qual estão inseridos é onde obtém informações.
Scielo	9. Souza, V. Adolescentes em cena: uma proposta educativa no campo da saúde sexual e reprodutiva. Rev Esc Enferm USP. v. 45, n. 2, p. 1716-21. 2011	Descrever a experiência sobre a elaboração de material educativo, no formato de performance teatral criada e encenada por adolescentes, como estratégia para a obtenção de uma atitude reflexiva e autônoma desses sujeitos, no campo afetivo-sexual e reprodutivo	A análise baseou-se no método de educação pela experiência, de John Dewey.	Os adolescentes têm pouco conhecimento sobre anatomia dos órgãos sexuais, formas de transmissão e sintomas das DST's. Os mesmos interagiram bem durante as oficinas e posteriormente eles construíram a peça teatral com base nos temas vistos, o que levou a uma melhor reflexão e construção de conhecimentos.
scielo	10. Mendes, et al. Saberes e atitudes dos adolescentes sobre a frente à contracepção. Rev Paul Pediatr 2011;29(3):385-91	Descrever e analisar os saberes e atitudes dos adolescentes sobre a contracepção.	Estudo descritivo com análise quantitativa.	36% dos adolescentes têm vida sexual ativa, sendo o uso atual de algum método contraceptivo presente em 77% das meninas e 66% dos meninos; com relação aos métodos contraceptivos mais conhecidos pelos

				adolescentes, 55% declararam conhecer o preservativo juntamente com os anticoncepcionais orais e injetáveis; identificou-se entre os adolescentes sexualmente ativos que apenas 40% dos meninos e 58% das meninas conversam sempre com seus namorados(as)/parceiros(as) sobre maneiras de evitar a gravidez; 54% das meninas e 40% dos meninos declararam que quem deve usar o método contraceptivo deve ser tanto o homem quanto a mulher; a fonte de indicação dos métodos contraceptivos foram os amigos(as) para 22% dos meninos e os médicos para 36% das meninas.
--	--	--	--	---

Os resultados apresentados no quadro 3 mostram que o diálogo na família é escasso, o que comprova-se também em estudo de Altman (2010) na pesquisa foi verificado que muitas vezes essas conversas surgem apenas de forma indireta, quando os pais apenas falam para o filho ter cuidado, não engravidar, ou apenas dizem: “use camisinha”, a maioria não tem diálogo aberto de ensinar como se usa a camisinha, para que serve, como se pode engravidar, como nasce uma criança, fatos que se tornam evidente na fala de uma aluna de 14 anos quando a pesquisadora lhe perguntara se os pais já falaram de como nasce um bebê, a menina responde: “A gente vê, aí depois a gente pergunta, fica curioso. A gente pergunta para os nossos pais, aí eles vão lá e mudam de assunto. Ah, sai pra lá, menina”. (ALTMAN, 2010) .

No mesmo estudo também foram entrevistados os professores e, um deles fez uma crítica à família, afirmando que esta trata do assunto de forma repressora, isso possivelmente se dever ao fato de que esses pais provavelmente tenham tido na adolescência tabus relacionados a sexualidade, e na educação de seus filhos, esses tabus acabaram refletindo nas falas ou conversas, o que finda por prejudicar esses adolescentes que tanto precisam de informações, as quais deveriam vir da família, que segundo Altman (2010), é a primeira que deve dar educação a seus filhos e não

a escola, mas já que a família não conversa tanto com os adolescentes isso faz com que eles gostem da intervenção escolar, pois as informações são melhores apresentadas e detalhadas.

De acordo com os professores entrevistados na pesquisa de (Altmann, 2010), reprimindo não é a melhor maneira de orientar os adolescentes. Pois assim as emoções, anseios e curiosidades não serão diminuídos, muito menos as dúvidas que os adolescentes têm serão solucionadas, isso pode gerar consequências, como gravidez indesejada ou doenças sexualmente transmissíveis (BOMFIM, 2009).

Segundo os PCNs, o trabalho da escola é complementar ao familiar, e os dois juntos contribuem para o bom funcionamento desta tarefa, a família deve ser aliada da escola, quebrando o tabu da sexualidade, já que esta temática é toda baseada em crenças, valores, preconceitos, conceitos religiosos, e isso dificulta o papel do professor (BRASIL, 1997).

No geral, ocorre é que a família muitas vezes joga uma responsabilidade que é sua para a escola, que por sua vez acaba jogando de volta para a família, sendo ambas despreparadas para assumir o papel de conversar e informar os adolescentes. (BESERRA et al. , 2008).

A camisinha e a pílula anticoncepcional são os métodos mais citados pelos alunos, o que não esclarece o conhecimento de como esses métodos são utilizados e qual sua função. Em um estudo realizado por Bonfim (2009) foi constatado que a maioria dos adolescentes entrevistados também conheciam camisinha, anticoncepcionais orais, DIU e vasectomia mas segundo eles os contraceptivos orais serviam para prevenção de DSTs, o que apresenta um equívoco quanto a função dos mesmos. Desde modo os adolescentes necessitam de mais informações e detalhamento sobre os métodos contraceptivos e preventivos, já que evidentemente eles não sabem distingui-los, pois um que é apenas contraceptivo foi citado como também sendo preventivo.

O quadro 4 aponta que os principais profissionais envolvidos nessa abordagem são professores, psicólogos e enfermeiros, porém a sexualidade pode ser abordada de forma transversal, onde vários profissionais de diversas áreas podem atuar, desde que se sintam preparados para realiza-las, assim como sugere os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

Ocorre principalmente a atuação dos enfermeiros no ambiente escolar, os mesmos abordam o tema, inicialmente com a aplicação de entrevistas, alguns de

forma bem dinâmica, com utilização de vídeos, oficinas, roda de conversas, palestras, cartazes e até produção de peça teatral. Porém, alguns ainda encontram dificuldades como a equipe de saúde da família incompleta, abordagem do tema de modo muito tradicional, com o objetivo apenas de prevenção de IST's, o que pode não ser tão satisfatório para o adolescente. Os principais temas de abordagem são, sexualidade, DST's, anatomia e fisiologia da região genital, métodos preventivos e contraceptivos.

Adiante, o quadro 4 apresenta uma síntese sobre a abordagem utilizada, temas e profissionais envolvidos com as ações de educação sexual desenvolvidas nas escolas.

Quadro 4 Síntese dos achados sobre a abordagem utilizada, temas e profissionais envolvidos com as ações de educação sexual desenvolvidas nas escolas.

Referência do artigo	Tipo de abordagem/estratégias	Tema na abordagem	Profissionais envolvidos
1. Tavares L., Cícero, P. V., Roberta, A. M., Caroline, da S. Q., Glauberto, A. S. M., Maria F., Prática de educação em saúde percebida por escolares . Cogitare Enferm. V.19, n.1, p.13-19. 2014	Os alunos apontam que os profissionais realizam dinâmicas, gincanas, vídeos e cartazes para abordagem do assunto.	Temas relacionados a Sexualidade	Professores da própria escola de ensino médio.
2. Albert G. F., et al. Educação popular trabalhada em oficinas de saúde: a sexualidade durante o adolescer. Rev. ed. popular, Uberlândia, v. 13, n. 1, p. 75-81, jan./jun. 2014	A abordagem se deu através dos jogos dos mitos e verdades, no qual circulava uma caixa contendo vários mitos e verdades sobre sexualidade, os participantes iam retirando as frases e lendo, facilitando assim o diálogo.	Mitos e verdades sobre à anatomia, fisiologia, anticoncepção e doenças sexualmente transmissíveis (DST). Além disso foi abordado a sexualidade como um tema gerador, que perpassa desde o corpo físico e biológico, a emergência do gênero, a saúde	Enfermeiros e psicólogos.

3. Camargo E. A.I., Ferrari R. A.P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. <i>Ciência & Saúde coletiva</i> , v.14, n.3, p. 937- 946. 2009	Questionários para verificar os conhecimentos dos adolescentes. Foram realizadas duas oficinas de prevenção que foram realizadas utilizando-se de dinâmicas contidas no Manual do Multiplicador do Ministério da Saúde.	A primeira oficina abordou o tema sexualidade (práticas sexuais, desenvolvimento e transformação do corpo, o prazer e as relações de gênero), métodos contraceptivos, as mudanças do corpo na gravidez e as suas repercussões biopsicossociais na adolescência. A segunda oficina abordou os métodos de prevenção das DST e aids, as formas de contágio e as repercussões biopsicossociais da infecção.	Enfermeiros
4. Brêtas, J. R. S., Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. <i>Acta Paul Enferm</i> v. 22, n. 6, p. 786-92. 2009	Aplicação do questionários sobre DSTs. Atividades de orientação sexual para uma população de adolescentes e jovens que frequentam três escolas públicas da região de Santo Eduardo do município de Embu, SP. As atividades do projeto estão vinculadas ao Programa de Integração Docente-Assistencial do Embu (PIDA/EMBU)	Sexualidade como um aspecto natural e positivo da vida humana, proporcionando a livre discussão de normas e padrões de comportamento em relação ao sexo e o debate das atitudes das pessoas frente à própria sexualidade, enfatizando aspectos específicos sobre as DST, como as formas de contágio, os sinais e sintomas e as formas de prevenção.	Professores de ensino médio e enfermeiros
5. Ressel, L.B. et al., A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. <i>Esc Anna Nery</i> (impr.) v. 15, n. 2, p.245-250. 2009	Entrevista com questões abertas e fechadas e diálogo sobre os temas da pesquisa.	Os discursos disciplinadores sob o enfoque de gênero. Repressão da sexualidade. Diálogo com a família	Enfermeiros

6. Luna I. T., et al. Ações educativas desenvolvidas por enfermeiro. Ciencia y Enfermeria. V.18, n.1, 2012.	Diálogo aberto e oficinas educativas.	Imagem, corpo, prazer, DSTs/Aids, comportamento, práticas sexuais, mitos e verdades, formas de infecção, uso do preservativo, métodos contraceptivos, gravidez na adolescência e sexo, são as temáticas principais abordadas.	Enfermeiro
7. Gurgel MGI, Alves MDS, Moura ERF, Pinheiro PNC, Rego RMV. Desenvolvimento de habilidades: estratégia de promoção da saúde e prevenção da gravidez na adolescência. Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS) v. 31, n.4, p. 640-6. 2010	A estratégia educativa está associada à transmissão de conhecimento, que envolvem ações para o controle e tratamento das doenças preveníveis, com orientações e recomendações pontuais e descontextualizadas em relação à realidade do indivíduo ainda é adotada. Mas existem ações com oficinas mais dinâmicas e participativas.	Uso do preservativo, prevenção de ISTs/Aids.	Enfermeiros
8. Fonseca AD, Gomes VLO, Teixeira KC. Percepção de adolescente sobre orientação sexual. Esc Anna Nery Rev Enferm v. 14, n.2, p. 330-337. 2010	Metodologia participativa onde levou-se a reflexão e construção de conhecimentos. Foram utilizados jogos, dramatizações, leitura de textos, filmes e oficinas.	Temas de interesse dos adolescentes referentes a sexualidade, como DSTs, métodos contraceptivos e preventivos.	Enfermeiros
9. Souza, V. Adolescentes em cena: uma proposta educativa no campo da saúde sexual e reprodutiva. Rev Esc Enferm USP. V. 45, n. 2, p. 1716-21, 2011	Oficinas com uso de jogos e atividades lúdicas para a produção da peça teatral.	Conhecimento do corpo, tabus e mitos, iniciação sexual, sexo seguro e relações de gênero.	Enfermeiros
10. Mendes, S. S., et al. Saberes e atitudes dos adolescentes frente à contracepção. Rev Paul Pediatr v. 29, n.3, p. 385-91. 2011	Questionário sobre os temas.	Uso de métodos contraceptivos e preventivos, início da vida sexual, gravidez na adolescência.	Acadêmica de enfermagem

Observa-se que, entre os principais temas abordados estão: IST's, formas de prevenção, métodos contraceptivos, anatomia e fisiologia da região genital, gravidez, período menstrual e relação sexual. Fato que se verifica também em estudo realizado por (VIEIRA & MATSUKURA, 2017), no qual os conteúdos ministrados estão sempre relacionados ao currículo de ciências e biologia, o que favorece a abordagem nessas disciplinas.

Com base no levantamento da literatura, verifica-se que no ambiente escolar de certa forma ocorre a abordagem dos temas relacionados a Educação Sexual, referenciados principalmente por enfermeiros, psicólogos e professores, mas ainda precisa ocorrer de forma mais eficaz, tendo em vista que os adolescentes ainda tiram suas dúvidas e obtém informações com os próprios amigos (LUNA, et al., 2012).

Faz-se então necessária a abordagem dos temas de forma mais interativa, lúdica e dinâmica, que desperte o interesse do adolescentes em participar dessas ações, para que possam construir um conhecimento satisfatório, e possam ainda se tornarem protagonistas, como por exemplo a abordagem realizada por (SOUZA, 2011), no qual os adolescentes elaboraram uma peça teatral para abordagem do tema. Assim como, o estudo de Luna, et al, (2012), no qual ocorre diálogo aberto sobre Educação Sexual e a realização de oficinas.

Um exemplo de abordagem que é interessante e pode instigar a outros profissionais a realizarem é a metodologia participativa, no qual a pessoa participa do processo de construção de conhecimento, na qual o adolescente pode escolher os tema a serem debatidos de acordo com sua necessidade, o trabalho realizada em escola de ensino médio teve grande aprovação dos alunos (FONSCECA, 2010).

Em tempos remotos, professores que ao menos tentassem trabalhar com Educação Sexual eram mal vistos, julgados pela sociedade e até perdiam seus cargos (ANAMMI & FIGUEIRÓ, 2009). Anos se passaram, a repressão foi diminuindo, mas ainda não é tão fácil abordar o tema e ter apoio da família, logo que muitos pais ainda não conversam com seus filhos sobre o assunto, e nem gostam que eles estudem sobre o mesmo, relatam alunos e colegas, fato que dificulta o trabalho da escola.

Percebe-se que, ainda há dificuldade para abordar na escola os temas relacionados à ES, pois há muitos tabus devido às crenças religiosas, valores e falta de informações específicas, os profissionais relatam ainda a falta de qualificação para

trabalhar o tema e, embora a sociedade tenha passado por mudanças e atualmente sejam encontrados vários recursos tecnológicos, o conhecimento esteja cada vez mais acessível, os educadores ainda encontram dificuldades para tratar do assunto. (VIEIRA & MATSUKURA, 2017).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT G. F., et al. **Educação popular trabalhada em oficinas de saúde: a sexualidade durante o adolecer**. Rev. ed. popular, Uberlândia, v. 13, n. 1, p. 75-81, jan./jun. 2014

ALTMANN, H. **Educação sexual na escola: o conhecimento científico como critério de verdade**. R. Est. Pesquisa Educ. Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010.

AMORIM V. L.; Vieira N. F .C.; Monteiro E. M. L. M.; Sherlock M. S. M.; Barroso M. G. T.; **Práticas educativas desenvolvidas por enfermeiros na promoção à saúde do adolescente**. Revista Brasileira em Promoção da Saúde-Unifor. V. 19, n. 4, p. 240-246. 2006

ANAMI, L. F. ; FIGUEIRÓ, M. N. D. **Interação família-escola na educação Sexual: reflexões a partir de um incidente**. Mary Neide Damico Figueiró (org.) Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum – Londrina : UEL, p. 87-112. 2009

BESERRA E. P.; PINHEIRO P. N. C. ALVES M. D. S.; BARROSO M. G. T. **Adolescência E Vulnerabilidade Às Doenças Sexualmente Transmissíveis: Uma Pesquisa Documental**. Dst – Jornal Brasileiro Doenças Sexualmente Transmissíveis. v. 20, n. 1, p. 32-35. 2008

BOMFIM, S. S. **Orientação sexual na escola: tabus e preconceitos, um desafio para a gestão**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Colegiado de Pedagogia. Campus I. f.70. Salvador, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O SUS E A SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA DE ADOLESCENTES E JOVENS NO BRASIL**. Brasília, Brasil, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília : MEC/SEF. V. 37 164p. 1997.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de IST e Aids. Diretrizes para implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas/Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. BRÊTAS, J. R. S., **Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção.** Acta Paul Enferm. V.22, n.6. p. 786-92.2009.

CAMARGO E. A.I., FERRRARI R. A.P. **Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção.** Ciência & Saúde coletiva. V.14, n.3, p.937- 946. 2009.

DANTAS, T. M. et al. **Educação em saúde como ferramenta na saúde sexual do adolescente.** Cadernos de cultura e ciência, v. 1, n. 1, p. 12-22, 2010.

DIMENSTEIN, G. **Estudo relaciona falta de escolaridade com gravidez,** 04 de outubro, 1999. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0410199913.htm>> acesso em 14/01/2014 16:00 hs

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Educação sexual: Problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira.** Semina: Ci. Sociais/Humanas, v. 17, n. 3, p. 286-293, set. 1996.

FONSECA A.D., GOMES V.L.O., TEIXEIRA K.C. **Percepção de adolescente sobre orientação sexual.** Esc Anna Nery Rev Enferm; v.14,n.2, p. 330-337. 2010

GONÇALVES R.C.; FALEIRO J.H.; MALAFAIA G. **Educação Sexual No Contexto Familiar E Escolar: Impasses E Desafios.** Holos vol. 5. P. 251-263. 2013.

GURGEL, M.G.I., ALVES M. D. S., VIEIRA N. F. C., PINHEIRO P. N. C. , BARROSO, G. T. **Gravidez Na Adolescência: Tendência Na Produção Científica De Enfermagem.** Escola Anna Nery Revista de Enfermagem. V.12, n.4. p. 799-05. Dez 2008.

GURGEL M.G.I, ALVES M.D.S, MOURA E.R.F., PINHEIRO P.N.C., REGO R.M.V. **Desenvolvimento de habilidades: estratégia de promoção da saúde e**

prevenção da gravidez na adolescência. Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS) v.31, n.4, p.640-6. 2010

IBGE, **Censo Demográfico 2010: nupcialidade, fecundidade e migração.** Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/nupcialidade_fecundidade_migracao/default_nupcialidade_fecundidade_migracao.shtm> Acesso em: 31/01/2014 às 09:29 hs

JARDIM D. P. , BRÊTAS J.R.S. **Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP.** 200. 5f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Saúde Pública) Departamento de Enfermagem da UNIFESP, 2006. Revista Brasileira de Enfermagem. V. 59, n.2, P. 157-62. 2006 mar-abr.

LUNA I. T., et al. **Ações educativas desenvolvidas por enfermeiro.** Ciencia y Enfermeria, v.18, n.1, 2012.

MENDES, S. S., et al. **Saberes e atitudes dos adolescentes frente à contracepção.** Rev Paul Pediatr. V.29, n.3, p. 385-91. 2011

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. **Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental.** Revista Escola de Enfermagem USP. V.44, n.1, p.205 – 12. 2010

MOREIRA, W. C. et al. **Ações educativas do enfermeiro na promoção da saúde sexual e reprodutiva do adolescente.** R. Interd. v. 8, n. 3, p. 213-220, jul. ago. set. 2015 39

OLIVEIRA D. C. , GOMES, A. M. T., PONTES, A. P. M. , RIBEIRO, M. C. M. **Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro.** Escola Anna Nery Revista de Enfermagem V.13. n.4, P.833-41. 2009 out-dez.

PICCHETTI, P. Y. **Sexualidade e relações de gênero na escola: um diálogo com a orientação à queixa escola.** Estação Científica (UNIFAP) ISSN 2179-1902 Macapá, v. 2, n. 1, p. 69-79, jan./jun., 2012

RESSEL, L.B. et al., A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. Esc Anna Nery (impr.)2011 abr-jun; 15 (2):245-250

RIBEIRO, M. **A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil.** Mary Neide Damico Figueiró (org.) Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum – Londrina : UEL, 2009. P. 129-140

SANTANA, C. C. P. **Orientação sexual no ensino médio: uma questão de cidadania.** 2006. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização no Ensino de Ciências) - Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS M.P., FARRE A.G.M.C., BISPO M.S., SOUSA L.B., MARINHO D.D.T. **Promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: educação por pares.** Rev baiana enferm. V. 31, n. 3, e. 21505. 2017.

SIEBERT, M. C. Brasil década de 1980/1990: políticas sociais e neoliberalismo. In: Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais, 2009 Cascavel. **Políticas Sociais na America Latina.** Unioeste, n.4.2009.

SOUZA M.T., SILVA M.D., CARVALHO R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein. V.8, n.1, p.102-6. 2010

SOUZA, V. **Adolescentes em cena: uma proposta educativa no campo da saúde sexual e reprodutiva.** Rev Esc Enferm USP, n.45, Esp. 2, p.1716-21 .2011.

Tavares L., Cícero, P. V., Roberta, A. M., Caroline, da S. Q;, Glauberto, A. S. M., Maria F., Prática de educação em saúde percebida por escolares. Cogitare Enferm. V.19, n.1, p.13-19. Jan/Mar 2014

VIEIRA, P. M., MATSUKURA, T. S. **Modelos de educação sexual na escola.** Revista Brasileira de Educação v. 22 n. 69 abr.-jun. 2017